

ENTRE O SUFOCAMENTO E A INEXISTÊNCIA DE CORPOS NEGROS: UMA LEITURA SOBRE O CONCEITO DE ANGÚSTIA FREUDIANA

NATHALIA DUARTE MOURA¹; MÍRIAM CRISTIANE ALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – nathimoura18@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – oba.olorioba@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Homens e mulheres negras têm suas vivências interpessoais marcadas por violências racistas, que são produzidas através da manifestação de preconceitos, opressões, estereótipos e discriminações que geram diferentes (im)possibilidades de existir. Nos últimos anos vivenciamos diversos acontecimentos em torno das violências racistas, com destaque para o assassinato de George Floyd – um homem negro estadunidense que se tornou ícone mundial contra o racismo. Tais violências possibilitaram a enunciação de um elemento simbólico, muitas vezes expresso no corpo, em torno da sensação da dificuldade de respirar, narrada por pessoas negras na clínica psicanalítica.

Nesse contexto, a experiência da angústia, como acúmulo progressivo de excitação, vem ser analisada a partir das suas relações com a probabilidade de ocorrência ou a própria vivência de violências racistas, as quais podem ser expressas como marcas psíquicas ou sintomas somáticos, como a falta de ar. A angústia é abordada como uma sensação de inundação psíquica e somática que aqui é analisada a partir das suas relações com a respiração. E a respiração, como primeiro ato humano, é abordada como imprescindível para compreender o modo como a violência racista opera no psiquismo de quem a vivencia.

A articulação e o deslocamento do conceito de angústia nos suscitou alguns questionamentos: De que modo as violências racistas chegam no primitivo, na respiração, produzindo nas pessoas negras a sensação de impossibilidade de existir, mas também, por outro lado, encontram vias de processar psiquicamente o experienciado? De que modo a angústia sinal ou automática pode ser uma pista para a compreensão dessa experiência vivida por pessoas negras?

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo problematizar a angústia, vivenciada por pessoas negras, enquanto acúmulo progressivo da excitação produzida por violências racistas que podem ser expressas no corpo como impossibilidade de respirar e existir, mas que, ao mesmo tempo, possui vias de elaboração psíquica.

2. METODOLOGIA

Para a construção metodológica, lançamos mão da pesquisa teórica em psicanálise e da ficção como modo de pôr em discussão as tessituras da escrevivência de EVARISTO (2016). A pesquisa em psicanálise, proposta por DOCKHORN e MACEDO (2015), se refere a estratégia clínico-interpretativa, a qual visa utilizar o método psicanalítico a partir da interpretação e ampliação dos significados de um dado fenômeno. Essa estratégia de pesquisa envolve o uso de recursos criativos para a produção de conhecimento, onde “a especificidade do método psicanalítico sustenta-se na possibilidade de interpretação do que é desvelado do fenômeno que se estuda” (DOCKHORN; MACEDO, 2015, p. 530), levando em conta que a produção de conhecimento está relacionada a subjetividade

de quem realiza, sem a intenção de transformar a psicanálise em um modelo científico experimental, que separa o sujeito do objeto a ser analisado.

O uso da ficção como ferramenta metodológica permite novas articulações entre o campo de pesquisa e as teorias, ampliando e complexificando o objeto de estudo sem descartar elementos que fazem parte das experiências vividas (COSTA, 2014). Nesse sentido, a produção de conhecimento não se faz de maneira descolada das vivências, afetos e sensações que estão presentes no encontro da autora com o tema escolhido. Desse modo, recorrer a ficcionalização é uma forma de preencher o vazio deixado pelo apagamento histórico que a população negra sofreu ao longo dos anos e que os saberes científicos tradicionais seguem reproduzindo (EVARISTO, 2020).

Ao passo de FREUD (1900/1996), que em *A Interpretação dos Sonhos* qualifica a psicanálise como “ficção teórica”, utilizamos da ficcionalização de histórias ouvidas, sentidas, vividas, degustadas como importante estratégia de produção de conhecimento. São ficcionalizadas narrativas de uma mulher preta que respondeu ao questionário online da pesquisa “Necropolítica e População Negra: problematizações sobre racismo e antirracismo e seus desdobramentos em tempos de pandemia e pós-pandemia da COVID-19”, do Núcleo de Estudos e Pesquisas E’léékò vinculado ao curso de Psicologia, da UFPel e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGPSI/UFRGS).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentamos Carol, uma jovem mulher preta, cisgênero e bissexual de cabelo Black Power, olhos cativantes, sorriso largo e 26 anos de idade. Carol vem de uma família extensa com muitos tios e tias, primos e primas, onde os encontros são repletos de muito afeto que se transborda em amor mas, também, em discussões. Ela é a primeira da família a ingressar no ensino universitário, o qual entrou com muita luta. Mas, a sua trajetória também é marcada por diferentes situações que tecem, costuram e entrelaçam as suas vivências e relações.

[...] Hoje, ocupo e resisto em meio às paredes brancas da universidade - um espaço frequentado majoritariamente por pessoas brancas. Nela, eu me sinto uma estrangeira, uma estranha. Foi na universidade, em sala de aula, que senti pela primeira vez, em grande intensidade, uma sufocante dificuldade de respirar. Foi na aula do professor mais temido do curso. [...]

É em minha família estendida que penso, que recorro quando preciso me nutrir de forças para continuar percorrendo minha formação no Direito. Uma travessia cheia de contratempos, entraves, barreiras e opressões que começaram a pressionar o meu peito. Minha sensação é que tem algo que pressiona meus pulmões, impedindo-me de respirar.

Com a chegada da pandemia, passei a sentir como se o peito fosse pressionado duplamente... Um dia no supermercado, usando máscara, novamente senti aquela sensação ruim tomando o meu peito, o meu corpo - o segurança me observava pelos corredores. Com a respiração faltando, larguei as compras e saí rápido porta afora, tirei a máscara para sentir o ar entrando pelas narinas.

Eu conhecia aquele olhar, aquele movimento de observação e perseguição voltados para mim. Afinal, não era a primeira vez que aquilo acontecia.

As vivências que marcam a experiência singular de Carol tanto na universidade quanto no período pandêmico, nos remete a teorização freudiana da

angústia, que pode ser entendida como um acúmulo progressivo de excitação que transita entre o somático e o psíquico. A dinâmica psíquica, por ser guiada pelo princípio do prazer e regulação energética, suporta uma determinada quantia de excitação que, ao ser excedida, ameaça a saúde do Eu e exige um processo de elaboração psíquica capaz de transformar a energia em sentido (CAMPOS, 2004; FUKS, 2001). Nessa perspectiva, a angústia surge como possibilidade de expressão frente a uma possível desorganização psíquica, ao proporcionar a liberação da energia acumulada por meio de reações somáticas (NAKASHIMA; CAMPOS, 2022). Em Carol, ela manifesta-se como sensação de sufocamento e dificuldade de respirar em sala de aula.

Dentre as teorizações da angústia há uma distinção entre a *angústia sinal* - relacionada à situação de perigo a atividade do Eu e a representação simbólica de um acontecimento externo; e a *angústia automática* - associada a uma situação traumática e irrepresentável, que remete a uma inoperatividade do Eu e a falta de elaboração psíquica (NAKASHIMA; CAMPOS, 2022). À vista disso, partimos da ideia de que o processo psíquico que ocorre com a Carol, ao vivenciar situações de violência, constitui um lugar “entre” a angústia sinal e a automática, já que assim como Carol, a maioria da população negra brasileira encontra vias de elaboração psíquica e mobilização ao mesmo tempo que experimenta uma inundação afetiva intensa e involuntária com expressões corporais desprazerosas. Tal fato indica o *entrelaçamento corporal-psíquico* existente na experiência da angústia, onde entra em cena o encontro do corpo com a realidade fazendo emergir uma espécie de sensação de “não-lugar” que “desafia a capacidade de trabalho-elaboração dos processos psíquicos” (MIGUEL, 2019, p. 3).

Cotidianamente, as pessoas negras passam por situações que demandam a adesão de um constante estado de alerta e utilização de estratégias de enfrentamento ao racismo, como a experiência de Carol no supermercado ao se retirar da situação angustiante ou, ainda, o uso de outros artifícios como a manifestação de comportamentos que “mostram inocência” perante eventos similares. Isto é, diante de possíveis situações que ameaçam deixar o Eu sem recursos, o sinal de angústia é emitido a fim de proporcionar a mobilização e processo de eliminação da ameaça para evitar uma desorganização psíquica (NAKASHIMA; CAMPOS, 2022), o que ocorre de acordo com a singularidade e os recursos psíquicos de cada pessoa. Além disso, as violências racistas vivenciadas sobrecarregam o psiquismo de modo a fazer com que a angústia se interligue a funções corporais elementares/primitivas, possibilitando que o afeto escape pelo corpo através de alterações fisiológicas, como a falta de ar. Essa sensação de sufocamento traz a ideia de que a respiração, enquanto primeiro ato humano, anuncia a (im)possibilidade de existência. Esta, que também diz respeito às diferentes maneiras de se fazer morrer, englobando não só a aniquilação física da vida mas também as diferentes impossibilidades de ser-estar-pertencer enquanto um corpo negro em uma sociedade que tem o racismo como sistema estruturante das relações socioafetivas.

4. CONCLUSÕES

A realidade histórico-social do racismo, que se faz presente no momento da constituição psíquica, possibilita que significações sobre as experiências vivenciadas de racismo sejam inscritas de maneira singular no psiquismo das pessoas, o que salienta que a experiência de angústia possui uma história prévia ligada a marcas

infantis e rastros de uma história ancestral transmitida transgeracionalmente pela dor da violência racista. No entanto, a ideia de “entre” trabalhada aqui nos permite pensar que a sensação de impossibilidade de respirar é uma tentativa de acionar o psiquismo para afirmar a existência do corpo-sujeito, o qual encontra vias de escape e processos de (re)existência a partir do rompimento do silenciamento e invisibilidade de seus corpos. O resgate da potencialidade vem do encontro com o outro, do encontro entre iguais em espaços coletivos - como terreiros, rodas de samba, ambientes familiares e grupais, entre outros -, que são capazes de transgredir as lógicas racistas de desumanização proporcionando novas possibilidades de investimento libidinal e recursos elaborativos, que concederão a possibilidade de existir, pertencer e permanecer enquanto um corpo negro.

À vista disso, as reflexões e problematizações apresentadas neste estudo permitem transgredir com as leituras reducionistas que não levam em conta as especificidades e multiplicidades encontradas na dinâmica social e no cotidiano das pessoas negras. Dessa forma, consideramos que essas ideias têm muito a contribuir para o campo da Psicologia, a qual deve estar comprometida com o acolhimento de todas as pessoas, levando em consideração não só os seus processos singulares mas também os contextos sócio-históricos em que estão inseridas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, É. B. V. A primeira concepção freudiana de angústia: uma revisão crítica. **Ágora: estudos em teoria psicanalítica**, Rio de Janeiro, v.7, p.87-107, 2004.

COSTA, L. A. O corpo das nuvens: ousos da ficção na Psicologia Social. **Fractal: Revista de Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 26 – n. esp., p. 551-576, 2014.

DOCKHORN, C. N. de B. F.; MACEDO, M. M. K. Estratégia Clínico-Interpretativa: um recurso à pesquisa psicanalítica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S. l.], v. 31, n. 4, p. 529–535, 2015.

EVARISTO, C. **Escrevivência**. Leituras Brasileiras, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxeY&ab_channel=LeiturasBrasileiras

EVARISTO, C. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. **A Interpretação dos Sonhos**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, (1900/1996)

FUKS, B. B. Notas sobre o conceito de angústia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.1-9, 2001.

MIGUEL, J. P. B. O entrelaçamento corporal-psíquico na angústia: o caso da neurose de angústia na obra freudiana. **Analytica: Revista de Psicanálise**, São João del Rei, v.8, n.15, p.1-22, 2019.

NAKASHIMA, A. H. R.; CAMPOS, É. B. V. Inibição, sintoma e angústia: a angústia entre o perigo e o trauma. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v.16, n.3, p.1-24, 2022.